

Drummond na imprensa: algumas crônicas das décadas de 1940 e 1950¹

Isabel Travancas² – Fundação Casa de Rui Barbosa

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões iniciais de uma pesquisa realizada no Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) sobre as crônicas do escritor Carlos Drummond de Andrade, publicadas na imprensa brasileira nas décadas de 1940 e 1950. São cerca de 600 textos dispersos em diversos jornais e revistas. Desde muito jovem Drummond escreveu em jornal e só cessou sua colaboração três anos antes de morrer. E, embora a notoriedade que alcançou tenha sido graças à poesia, as crônicas são importantes para compreensão da sua obra. Percebe-se na leitura das crônicas escritas nas décadas de 1940 e 1950, o interesse pelo cotidiano e a relação estreita entre a literatura e o jornalismo.

Palavras-chave

Jornalismo, literatura, crônica, imprensa.

Mãos Dadas

Não serei poeta de um mundo caduco
Também não cantarei o mundo futuro
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças
Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem da janela,
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicídio
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes.
A vida presente

(Publicado no Diário de Notícias de 27 de setembro de 1953)

Introdução

Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa de Jornalismo do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação a ser realizado em Santos, em setembro de 2007.

Isabel Travancas é jornalista, mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional-UFRJ e doutora em Literatura Comparada pela UERJ. Atualmente é Pesquisadora Visitante da Fundação Casa de Rui Barbosa com Bolsa da FAPERJ.
e-mail: isabeltravancas@yahoo.com

Ao longo de seus 85 anos de vida, Drummond escreveu muito. E não apenas poemas e livros. Ele escreveu intensamente na imprensa. Sua colaboração com o *Correio da Manhã*, que durou de janeiro de 1954 a setembro de 1969, resultou em 2422 crônicas. No *Jornal do Brasil* para o qual colaborou de outubro de 1969 a setembro de 1984, ele produziu 2304 escritos. Grande parte deste material já foi organizado e catalogado e está disponível para pesquisadores na própria Fundação Casa de Rui Barbosa ou no seu banco de dados através da internet. O restante - cerca de 1500 textos - é o que vem sendo organizado e analisado por mim ao longo de 2006 e 2007.

Neste artigo analisarei as crônicas publicadas nos anos 40 e 50. Para isso selecionei alguns textos de cada década e o critério foi terem um vínculo estreito com o jornalismo. Portanto, são crônicas que abordam o cotidiano do escritor, da cidade e do país através de assuntos variados como Natal, eleição, personalidades, políticos e eventos. Da década de 40 os textos escolhidos foram: “*Defesa de Carlito*” (31 de janeiro de 1944, *Diário Carioca*); “*Alegre, mas não muito*”(23 de fevereiro de 1944, *Diário Carioca*); “*Encontro com Prestes*”(22 de maio de 1945, *Tribuna Popular*); “*Meditação do eleitor 3144*”(14 de outubro de 1945, *Folha da Manhã*); “*Adeus*”(25 de dezembro de 1949, *Correio da Manhã*).

Da década de 50 foram selecionados: “*Fim de festa*”, 6 de janeiro de 1952, *Correio da Manhã*); “*O atentado*” (21 de agosto de 1954, *Tribuna da Imprensa*) e “*Dr. Paulinho*”(3 de outubro de 1959, s. r.).

Enquanto nas décadas de 20 e 30 Drummond assina com diversos pseudônimos, nestas duas a maioria de seus escritos leva a assinatura “Carlos Drummond de Andrade”. Mas os pseudônimos não desapareceram. Estão presentes os seguintes: Policarpo Quaresma Neto, Paulo de Freitas, Hugo de Figueiredo, Antonio Crispim, Aluizio Goulart, Leandro Sabóia, Ney Miranda além das abreviaturas C. D. e C. D. A. e a inicial Y.. No *Diário de Minas*, onde estreará na profissão de jornalista, seu primeiro texto foi assinado Manoel Fernandes da Rocha. Um pouco por vergonha, um pouco por brincadeira, como declarou em entrevista concedida à professora Maria Zilda Cury(1998, p. 145). Mas é a partir de 1934 que começará a assinar os seus textos como Carlos Drummond de Andrade. Ano em que também se muda para o Rio de Janeiro, passando a colaborar assiduamente com os veículos cariocas.

A imprensa brasileira mudou muito dos anos 40 e 50 para cá. Modernizou-se e ganhou uma feição mais profissional no final do século XX. O jornal artesanal deu

lugar ao jornal empresa. Apareceu a televisão e mais recentemente a internet. Com tudo isso muitos veículos desapareceram, tanto nas metrópoles como nas cidades menores. Drummond escreveu em muitos veículos entre jornais diários, revistas e boletins de diversos lugares do Brasil e do exterior. Na década de 1940 escreveu para: *Diário Carioca, O Jornal, Revista do Povo, Correio da Manhã, Folha de Minas, Mundo Literário*(Lisboa), *Folha da Manhã, Folha do Norte, Agora, Revista do Globo, Tribuna Popular, O Cruzeiro, A, Joaquim, Leitura, Rio, O Estado de S. Paulo, A Tribuna, A Época, IPASE, Panorama, Letras e Artes, Jornal de Notícias, A Manhã, Jornal Política e Letras, Meia Pataca, Esfera, Minas Gerais, Paulistania, Província de S. Pedro, Jornal de Letras, Careta, O Estudante, O Diário, Revista Acadêmica, Dom Casmurro, Saúde e Beleza, Euclides, Anuário Brasileiro de Literatura, Gazeta, Atlântico*(Lisboa), *Jornal do Comercio, Boletim da General Motors, Ilustração Brasileira, Folha Carioca, O Diário, Correio Paulistano, Sombra, Diretrizes, Estado do Pará, Folha do Norte, O Jornal, Diário de Pernambuco, Clima, Vamos ler!, Odontologia Universitária, Língua Portuguesa, Rio Magazine, Tribuna Popular, Chile e Nosso Tempo.*

A década de 50 não fica atrás em termos de quantidade de periódicos nos quais Drummond escreveu. São eles: *Minas Gerais, Correio da Manhã, Diário Mercantil, Diário de Notícias, A Cigarra, Tribuna da Imprensa, Folha da Manhã, Diário Carioca, Quilombo, Folha de Minas, Arte e instrução, Jornal de Letras, Seleções, Mosaico, O Homem Livre, Rio, A Manhã, Comício, Crítica, Revista Branca, Boletim do MAM, Folha de Minas, Letras Fluminenses, Careta, Diário de Notícias, Estrela do mar, Pampulha, Casa e Jardim, Correio do Dia, O Estado de S. Paulo, A Manhã, Sul América Anhembi, Coletânea, Revista de Automóveis, O Tempo, Correio do Povo, Índice Cultural, Rio Magazine, Diário de Pernambuco, O Cruzeiro, Diário de SP, ParaTodos, Jornal do Brasil. A Tribuna, Leitura, Correio Paulistano, O Mundo Ilustrado, Hercules, Banco de Crédito, Revista da Semana, O Diário, Moscardo, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Visão, Revista Esso e SPVEA – coleção Araújo Lima.*

Da década de 1940, há no acervo do AMLB 346 textos, sendo 140 crônicas, uma centena de poemas, mais de 70 resenhas e apenas cinco contos. Na década de 1950 foi possível encontrar no seu arquivo 266 textos, sendo 120 crônicas, 103 poesias, 35 resenhas literárias e nove contos. Nestas duas décadas estes serão os quatro gêneros principais, se podemos definir assim, exercitados pelo escritor e publicados na

imprensa. Foi possível perceber, analisando as décadas anteriores, que cresceu a quantidade de textos publicados, assim como aumentou e muito o número de crônicas.

Vários textos seus, poemas, contos e crônicas foram reproduzidos constantemente em outros órgãos até muitas décadas depois de sua primeira publicação. Na maioria das vezes, sem menção à publicação original.

A vasta produção de Drummond demonstra que ele nunca se afastou da imprensa e pode ser definido também como um jornalista.

“Sou um jornalista porque a vida toda estive ligado a jornal. Fui redator-chefe do Diário de Minas, onde, com outros companheiros, fizemos a campanha modernista em Belo Horizonte e nos divertimos muito.”

Esta declaração do poeta reforça a idéia de que estas carreiras estão ligadas assim como os textos que seus profissionais escrevem. A jornalista e pesquisadora Cristiane Costa(2005, p. 106) destaca o sentimento de pertencimento do poeta ao jornalismo. Ele diz que a única coisa que fazia com prazer, além da literatura, era jornalismo. Costa como Drummond não vê o exercício jornalístico como um empecilho para o desenvolvimento do escritor, fato apontado por diversos autores. É Drummond(In Costa, 2005, p. 107-108) que afirma:

“O jornalismo é a escola de formação e de aperfeiçoamento para o escritor, isto é, para o indivíduo que sinta a compulsão de ser escritor. Ele ensina a concisão, a escolha das palavras, dá noção do tamanho do texto, que não pode ser nem muito curto nem muito espichado. Em suma, o jornalismo é uma escola de clareza de linguagem, que exige antes clareza de pensamento. E proporciona o treino diário, a aprendizagem continuamente verificada. Não admite preguiça, que é o mal do literato entregue a si mesmo. O texto precisa saltar do papel, não pode ser um texto qualquer. Há páginas de jornal que são dos mais belos textos literários. E o escritor dificilmente faria se não tivesse a obrigação jornalística.”

Drummond acreditava que o jornal era uma boa porta de entrada para o futuro escritor. Foi exatamente assim com ele. No início da década de 20 começou a publicar seus primeiros textos e a colaborar com o *Diário de Minas*. E, se ele nunca mais entrou em concursos literários, nunca mais também saiu dos jornais.

A Crônica e Drummond

Aurélio Buarque de Holanda(1999, p.584) confere dois sentidos para o termo crônica. O primeiro é *“texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como tema fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo etc, ou simplesmente relativos à vida cotidiana”*. E *“seção ou coluna de revista ou de jornal consagrada a um assunto especializado”*. A produção jornalística de Drummond certamente se enquadra na primeira definição e esta se coaduna com a visão de José Marques de Melo (1994, p. 159). Para o professor afirmar que *“a crônica é um gênero jornalístico constitui uma questão pacífica. Produto do jornal, porque dele depende para sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva.”*

Para Jorge de Sá(1987, p. 9), João do Rio foi o cronista mundano por excelência e deu à crônica um aspecto mais literário. A crônica é entendida como um comentário dos acontecimentos por parte de seu autor. Acontecimentos esses reais ou imaginários. E sua fronteira com o conto é tênue. Para Sá, este último apresenta mais densidade, fazendo com que seu autor mergulhe na construção de seus personagens. No caso de Drummond, são poucos os contos que publica na imprensa nestas duas décadas. Não chegam a duas dezenas e têm características distintas das suas crônicas, tendo mais profundidade e pouco ou nenhum contato com a realidade. Isso porque não abordam assuntos do cotidiano e apresentam uma narrativa mais ficcional.

Aliás, realidade é um dos conceitos-chaves para pensar a relação entre literatura e jornalismo, sendo a crônica um lugar de fronteira, “bebendo” nas duas fontes e produzindo um texto que é mesclado e não “puro”. Alceu Amoroso Lima foi taxativo em afirmar que o jornalismo é um gênero literário. Uma vez que(Lima, 1990, p.37) não se deve considerar a literatura como estética pura ou como ficção. Mas como arte da palavra e, nesse contexto, o jornalismo estaria enquadrado nela. Certamente, destaca, *“Mau jornalismo não é literatura, como tampouco o é uma má poesia ou mau romance. (...) Há literatura que fica e literatura que passa. É uma qualidade independente da natureza do ser.”* Entretanto, cada vez que o jornalismo for apenas (grifo meu) um meio de transmitir uma mensagem, não poderá ser considerado um gênero literário. Para o pensador, o jornalismo tem todos os elementos que lhe permitem entrar no campo da literatura, depende apenas da sua qualidade e não da sua natureza. Assim podemos afirmar que as crônicas de Drummond se situam neste patamar. Ainda que muitas sejam datadas expressando a visão do poeta naquela duas

época, seus textos possuem uma ambição maior do que apenas comunicar um acontecimento. Buscam a permanência. Permanência essa expressa na própria atitude do escritor de, não apenas guardar de forma criteriosa e organizada tudo que escreveu desde a mocidade, como doar seu acervo para o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira criado em 1972. E através de uma crônica escrita no *Jornal do Brasil*, em 4 de janeiro de 1973, procurou estimular outras pessoas a colaborar com a instituição.

“Colecionador ou não colecionador, que tenha em casa um retrato, uma carta, um poema, um documento de escritor brasileiro digno do nome de escritor, e pode com ele enulentar(sic) o arquivo-museu menino, dirigido pelo espírito público de Plínio Doyle na Casa de Rui Barbosa: faça um beau geste, mande isso para São Clemente, 134, e terá oferecido a si mesmo o prêmio de uma satisfação generosa.”

Destaco nesta atitude de Drummond o fato de ele não renegar sua experiência como jornalista, nem sua produção como tal. O cronista que também é poeta registra as sensações usando seus recursos estilísticos, sabendo que a crônica está sempre na fronteira entre o real e o imaginado. Perguntado em entrevista o que achava de ser cronista e se era melhor ser poeta, Drummond responde: *“O cronista obedece à folhinha e ao relógio; o poeta é um animal livre do tempo: faz o que quer, quando quer. Mesmo como cronista, porém, não me preocupo demasiado com a atualidade quente; salvo quando acontece algo muito importante.”*

Fica evidente neste depoimento a importância da categoria tempo para o cronista. Ele é um tipo “especial” de jornalista. Em uma pesquisa anterior sobre a construção da identidade do jornalista (Travancas, 1993, p. 34-35) chamei a atenção para o fato de o tempo ser fundamental para a definição do conceito de notícia e também para a identidade deste profissional que corre atrás dele e não é dono do seu tempo. Vive subordinado aos fatos, à rotina da redação e, portanto, como falou o poeta, dependente do relógio e da folhinha. Isso porque o jornalismo, em especial a reportagem, não pode ser previsível. Ele se funda no acontecimento inesperado e imprevisto.

E percebi, a partir desse trabalho, o quanto há um Drummond jornalista que está sempre escondido atrás do Drummond poeta. Esse duplo não me parece contraditório, como seus depoimentos comprovam. Ele percebe uma relação de complementaridade e não considera sua experiência jornalística como algo menor ou um mero “ganha pão”,

como muitos críticos costumam afirmar. Arriscaria mesmo dizer que a sua obra poética está impregnada dessa experiência intensa de proximidade com a realidade.

Drummond jornalista - Os anos 40 e 50

Poema do Jornal

*O fato ainda não acabou de acontecer
e já a mão nervosa do repórter
o transforma em notícia.
O marido está matando a mulher.
A mulher ensangüentada grita.
Ladrões arrombam o cofre.
A polícia dissolve o mitingue.
A pena escreve.*

Vem da sala de linotipos uma doce música mecânica

O meu foco ao analisar as crônicas do escritor nas décadas de 1940 e 1950 foi buscar a relação estreita com o jornalismo. Selecionei crônicas que falam diretamente do cotidiano do leitor, da rotina da cidade e das efemérides. Não é à toa que Cristiane Costa(Andrade: 2007) no prefácio à nova edição de *De notícias e não notícias faz-se a crônica* afirma que “a efemeridade sempre foi uma palavra associada ao tipo de texto que escritores como Drummond publicavam nos jornais. Originalmente, crônica era a narrativa dos fatos de acordo com a ordem temporal, registrando os eventos que marcaram uma época. O sentido da palavra era pôr em ordem cronológica. Por sua própria etimologia – crônica vem da palavra *chronus* – é um gênero relacionado ao tempo”. Como o próprio jornalismo, eu diria. Ainda que o conceito de notícia – categoria central do jornal – seja polêmico, com muitas definições diferentes; todas elas em alguma medida estão ancoradas na noção de tempo. Tempo que transforma o novo em velho e que faz com que se diga popularmente que jornal velho serve para embrulhar peixe, tal a sua característica de produto efêmero.

Várias crônicas destas duas décadas chamam a atenção para fatos que viraram notícia. “*Alegre, mas não muito*” aborda o carnaval na cidade do Rio de Janeiro. Nela o poeta a afirma que o carnaval não é uma festa unânime na cidade e se opõe ao mito da

“democratização do carnaval”. Ele escreve *‘Dela participam, efetivamente, pessoas de todas as condições sociais. Mas não só a representação de algumas classes no composto carnavalesco é bem pequena como principalmente esse composto é mais aparente do que real: as classes não se fundem nem se misturam, apenas se roçam e se observam.’* Acho interessante essa perspectiva crítica do cronista que não se deixa levar pelo senso comum que acredita que o carnaval rompe fronteiras e dissolve diferenças sociais. Ponto de vista que combina com a perspectiva do antropólogo Roberto da Matta em seu livro clássico *Carnavais, malandros e heróis* (1981:132) quando este compara o carnaval nos Estados Unidos e no Brasil. *‘No caso brasileiro cada qual já sabe o seu lugar(ou melhor: cada qual busca sempre estar no seu lugar social adequado), o que significa que o princípio da hierarquia é sempre aplicado, pois o maior temor social no Brasil é o de estar fora de lugar, estar deslocado(...)’* Portanto, há uma hierarquia presente na sociedade brasileira que não desaparece no carnaval e é isso que Drummond demonstra em sua crônica. Há muitos carnavais na cidade: o de rua que reúne sorveteiros, pedreiros e engraxates e os bailes de gala dos grã finos.

Outro assunto bastante presente nos textos do poeta são as eleições. Na década de 40 aparece a crônica *“Meditação do eleitor 3144 ”* e na de 50 *“Dr. Paulinho”*, Na primeira Drummond narra sua experiência na fila para receber seu título de eleitor cujo número é 3144. Descreve a fila, os personagens que a compõem e relembra seus títulos anteriores. Mas a ênfase da crônica está na importância do voto. E diz *“O Brasil inteiro é hoje uma fila à porta das eleições: não desperdicem os seus votos.”* E encerra suplicando ao eleitor e leitor: *“Irmão de fila, cuidado com o teu voto, não o estragues nem o deixes perder-se na confusão, irmão brasileiro”*. Mais atual impossível. Já *“Dr. Paulinho”* trata da campanha eleitoral a partir da conversa com um motorista de táxi que distribui ao passageiro o panfleto de seu candidato da UDN, Dr. Paulinho. O poeta pergunta ao motorista o que o candidato a vereador fará e recebe como resposta um discurso veemente. Mas caso seu candidato fracasse o taxista afirma que largará o serviço e irá dizer ao político que este o enganou. Sempre de forma enérgica e vibrante fala o motorista. Depois de ler a propaganda do candidato e suas propostas, Drummond sugere que caso Dr. Paulinho seja eleito, se tenha cuidado com o motorista...

Essas duas crônicas falam de eventos políticos mas através de um olhar para o cotidiano da cidade e seus personagens. É sua experiência na fila que produz reflexões sobre o voto assim como seu diálogo com o motorista de táxi que o faz pensar na

relação dos eleitores com seus escolhidos. Não há uma preocupação com a macro política, embora ela não esteja de todo descartada, principalmente na crônica da década de 40. Entretanto o foco do seu olhar é o fato singelo e corriqueiro no meio do grande evento. O que me faz lembrar o livro do jornalista Ricardo Kotscho(1986, p.12-13) sobre a prática de reportagem. Nele Kotscho explica em que consiste o trabalho do repórter. *“Com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia.”* Comenta as vezes em que estava sem assunto e saiu para a rua, sem destino certo e não lembra de ter voltado para a redação algum da sem matéria. Esta perspectiva é parecida com a de Drummond que vai para a rua, para a fila, para o táxi buscar “sua” notícia.

E falando em política há duas crônicas, uma da década de 40 e outra da de 50 que embora datadas, abordam fatos importantes da história política brasileira. A primeira delas - *“Encontro com Prestes”*- narra o encontro do povo com o líder comunista Luís Carlos Prestes, no dia 23 de maio de 1945, no estádio do Vasco da Gama. Nela Drummond demonstra sua admiração pelo político já no início do texto. *“Como tardou esse encontro! Muitos anos. Não foi possível marcá-lo mais cedo. Dois velhos conhecidos – Prestes e o povo – se estimavam, confiando um no outro, sem que o contato vivo nas ruas e nas casas trouxesse esse elemento de presença pessoal, que dá tanto calor às relações humanas.”* Neste texto o poeta se mostra livre para demonstrar seus sentimentos, sua opinião política, a partir de um fato concreto e de relevância.

A outra crônica intitulada simplesmente *“O atentado”* tem tom mais dramático. E sem dar os nomes dos envolvidos, aborda o atentado sofrido pelo jornalista Carlos Lacerda na Rua Tonelero em agosto de 1954, no qual morreu o Major Rubens Vaz.. Atentado esse que desencadeia um processo político que culminará com o suicídio do presidente Getulio Vargas. Seu texto tem semelhança em alguns momentos com um editorial tal a sua posição diante dos acontecimentos e seu desejo de que o crime não fique impune. Em nenhum momento se refere a pessoas ou partidos políticos. Está tudo implícito. E ele acredita que o leitor será capaz de compreender o não dito. Seu início demonstra bem isso: *“As horas que se seguem ao atentado são de procura do responsável. No clamor e emoção gerais o ceticismo, que é uma súpula da crítica histórica, se omite por instantes e clamamos: “Desta vez o crime não ficará impune”. Mas esta aspiração é própria de pessoas cultivadas, que pensam em modificar por uma alteração intelectual a ordem das coisas. Os indivíduos simples, de condição proletária ou média, são mais realistas em tais casos, e limitam-se a comentar: “Mais*

um que não será punido". E termina chamando a atenção de que resta aos cidadãos a vigilância civil e a não aceitação de diferentes formas de intimidação.

Um personagem que é tema de inúmeras crônicas e poemas do escritor ao longo de diversas décadas é Carlitos. Drummond é fascinado por ele. Eu diria que há quase uma identificação do autor com esse personagem também *gauche* na vida. Segundo ele triste, um pouco por natureza, um pouco pelo que os críticos e artistas ao discutirem-no, acrescentaram à sua personalidade. Temos uma reflexão sobre o cotidiano do leitor e dos personagens cinematográficos que povoam seu imaginário e sua realidade. Na década de 30 o escritor já tinha percebido a força de Carlitos. Sabia que era uma dessas figuras do cinema que veio para ficar. Na crônica "*Defesa de Carlito*", ele lamenta que o personagem vá abandonar sua caracterização tradicional para adotar uma transitória. Isso, a seu ver, é inaceitável e "*ênche de preocupações os admiradores do artista*". Porque seu modo de vestir o distingue dos outros cidadãos. Afinal ele é um inimigo da ordem burguesa e amigo do gênero humano e, suas roupas velhas, assim como seus sapatos são sua marca registrada. Ele encerra destacando que "*o personagem pertence ao nosso tempo e faz parte de nossa vida*". A crônica data de 31 de janeiro de 1944. Hoje, em pleno século XXI, podemos em retrospectiva, avaliar o quanto esse personagem foi símbolo da entrada na modernidade, da transformação vivida no século XX. Da passagem de um mundo romântico e artesanal para um mundo onde a lógica que reina é a do individualismo e da industrialização.

Datas significativas são sempre tema de crônicas do escritor. Natal e Final de ano não são exceção. Em quase todos os anos, Drummond escreve sobre a festa natalina e faz um balanço do ano que termina. As década de 40 e 50 não são exceção. Em 25 de dezembro de 1949 escreve o texto "*Adeus*" onde se diz um misto de literato e jornalista ao redigir seu último artigo do ano. Ironiza chamando a atenção para o sentimento de alegria por não ter que escrever mais outro texto nesse ano. Ao longo da crônica o poeta faz um balanço do ano na área de literatura, música, cinema, artes plásticas e política. Afirma na despedida que sua intenção ao escrever aos domingos foi distrair o leitor. É grato aos poucos que lhe escreveram e encerra dizendo: "*A todos, adeus, até o próximo ano: e que sejam felizes na medida do possível. Isto é, que não se aborreçam muito.*" Fica evidente o sentimento do escritor-jornalista neste texto. Procura trazer um certo "refresco" para o leitor com seus textos que misturam jornalismo e literatura, objetividade e estilo pessoal, realidade e devaneio.

Na década de 50 “*Prosa de Natal*” e “*Fim de festa*” são crônicas que tratam das festas de fim de ano. Na primeira o escritor se mostra bem crítico e sem o chamado espírito natalino afirmando ter se despedido das crenças religiosas. Confessa que gostaria de ver desmontadas as árvores de Natal, assim como lamenta as fórmulas de boas festas e as emoções faturadas. Mas ao final sua caneta o adverte: *‘Estás exagerando. Fica sempre um pouco do Natal antigo, dentro do Natal.’* Também em “*Fim de festa*” critica as mensagens de boas festas enviadas de maneira automática para amigos e inimigos como fórmulas prontas. E garante que fará a delicadeza de não enviá-las aos amigos nem responderá àquelas recebidas. Afinal para o poeta: *‘As próprias fórmulas proliferam tanto que um dia mandaremos telegramas mentais, cartas mentais, beijos mentais. O coração será o mesmo, e viva o coração eterno.’*

Considerações Finais

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior e bastante extensa, que abrange todos os textos publicados na imprensa por Carlos Drummond de Andrade de 1920 a 1980. Este artigo traz informações e uma análise inicial sobre as crônicas do escritor dos anos 40 e 50. Foi possível tirar algumas conclusões, ainda que circunscritas a esse período e a esses textos.

Um dos primeiros aspectos a destacar é a intensidade da produção jornalística de Drummond que, além de ter escrito regularmente durante dois longos períodos para o *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*, escreveu muito para os mais diferentes veículos. Para revistas culturais, jornais de Colégio, jornais da grande imprensa, da pequena, de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Dá para perceber o fôlego do escritor e a intensidade de sua produção.

Por outro lado, como já destaquei ao longo do trabalho, há um vínculo estreito de Drummond com a carreira jornalística. Ela não foi apenas um “rito de passagem” para sua entrada nas letras. Foi, a seu ver, uma importante escola, um local de aprimoramento do texto. Texto esse que é produzido em condições específicas de tempo e condicionadas à realidade cotidiana. Drummond até o final da vida valorizou o trabalho que realizou nos jornais e fez questão de guardar, de forma bastante organizada, toda a sua produção.

Nestas duas décadas vários temas se destacaram e dividem os textos redigidos pelo poeta. Nesse artigo, procurei me concentrar nas crônicas relacionadas ao cotidiano, enfatizando o aspecto jornalístico destes textos. Entretanto, em trabalhos futuros, pretendo analisar as outras três vertentes temáticas: o amor, a literatura e a memória, assim como tratar também dos poemas, contos e crônicas. Cada um desses gêneros, assim como cada um dos assuntos, merece uma reflexão específica e aprofundada.

Por fim, gostaria de enfatizar a importância da catalogação de toda essa vasta produção drummondiana realizada pelo Arquivo-Museu de Literatura Brasileira e chamar a atenção para a multiplicidade de tipos de texto escritos pelo poeta, que poderão fornecer uma visão mais complexa da sua obra, cuja vertente mais estudada e valorizada é a da poesia.

Referências Bibliográficas

AGUILERA, M. V. *Carlos Drummond de Andrade – poética do cotidiano*. RJ: Expressão e Cultura, 2007.

ANDRADE, C. D. *De notícias e não notícias faz-se a crônica*. RJ: Record, 2007

BRAYNER, S. (org.) *Carlos Drummond de Andrade*. Coleção Fortuna Crítica. RJ: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. v. 1.

CANÇADO, J. M. *Os sapatos de Orfeu. Biografia de Carlos Drummond de Andrade*. SP: Globo, 2006.

COSTA, C. *Pena de aluguel: escritores e jornalistas no Brasil 1904-2004*. SP: Companhia das Letras, 2005.

CURY, M. Z. F. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. BH: Autêntica, 1998.

Fundação Casa de Rui Barbosa – Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. *Inventário do Arquivo de Carlos Drummond de Andrade*. RJ: Edições Casa de Rui Barbosa, 1998.

HOLANDA, A. B. *Novo Aurélio*. RJ: Nova Fronteira, 1999.

KOTSCHO, R. *A prática da reportagem*. SP: Ática, 1986.

LIMA, A. A. *O jornalismo como gênero literário*. SP: EDUSP, 1990.

DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. RJ: Zahar, 1981.

MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 1982.

OLINTO, A. *Jornalismo e literatura*. RJ: Edições de Ouro, 1968.

PEREIRA, W. *Crônica: a arte do útil e do fútil*. Salvador: Calandra, 2004.

PY, F. *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade (1918-1934)* RJ: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002. 2 ed., revista e aumentada.

SÁ, J. de. *A crônica*. SP: Ática, 1987.

TRAVANCAS, I. S. *O mundo dos jornalistas*. SP: Summus Editorial, 1993, 3 ed.

_____. *O livro no jornal*. SP: Ateliê Editorial, 2001.

WERNECK, H. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*. SP: Companhia das Letras, 1992.